



ZUMZUMZUM

Som feito pelo vento ou por um inseto  
(besouro, abelha, mosca, pernilongo)

# MATO RASTEIRO

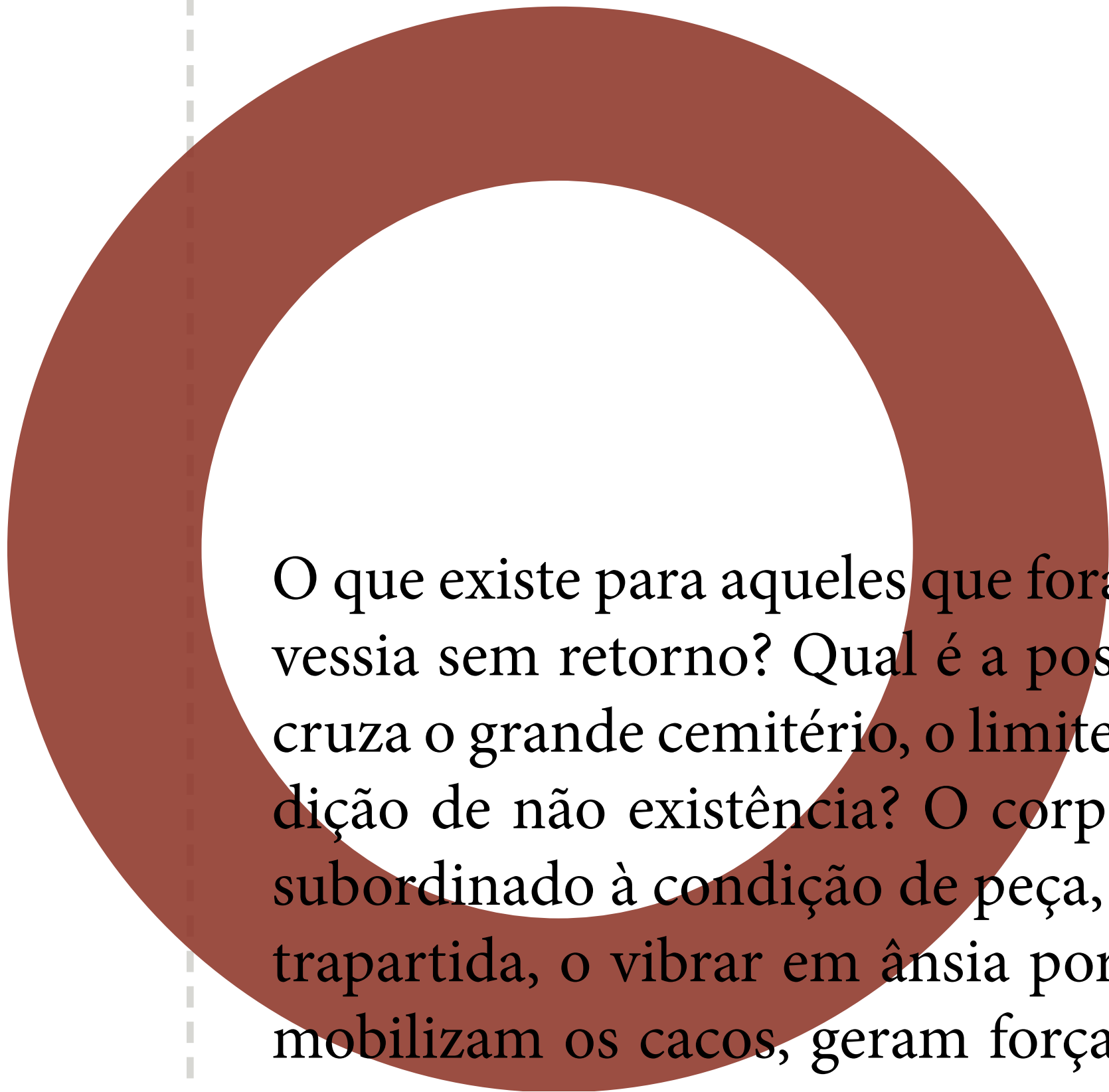
## NOTAS SOBRE A FILOSOFIA ANCESTRAL DO JOGO DE CORPO

Luiz Rufino

Professor da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC-UERJ).

Antonio Cesar de Vargas  
*Mestre Toni Vargas*

Graduado em Educação Física (UFRJ), mestrando em Educação (PPGECC-UERJ) e Mestre de Capoeira do Ilê de Seu Peixinho.



O que existe para aqueles que foram retirados de seus chãos para uma travessia sem retorno? Qual é a possibilidade de vida quando essa travessia cruza o grande cemitério, o limite que marca a desfiguração do ser na condição de não existência? O corpo, assentamento de saberes múltiplos, é subordinado à condição de peça, um estilhaçamento existencial. Em contrapartida, o vibrar em ânsia por liberdade e a enunciação da mandinga mobilizam os cacos, geram força e erguem os seres para a luta contínua que pratica os vazios para se erguer em ginga. A potência que baixa nesses corpos é a capoeira, aqui lida como divindade/espiritualidade cultuada nos cotidianos em prol de ações transgressoras e resilientes ao racismo/colonização. Assim, a capoeira rompe com os esforços totalitários, principalmente teológico-político, para se manifestar como força de outro modo de *sentir/fazer/pensar*.

#### CAPOEIRA- FILOSOFIA- SABER- CRÍTICA AO COLONIALISMO

## JOGO DE MORTE E DE VIDA

Qual a possibilidade do ser quando submetido a um estado radical de violência? O colonialismo é esse mundo, impetuoso, bruto e coativo na vida dos seres como nos lembra Fanon (1968). Aliás, é o revolucionário no campo de batalha que usa as palavras como faca de ponta para nos convocar à atitude de nos reconstruirmos. Já que a mudança é espreitada como um novo dia na vida de uma outra “espécie” de homens e mulheres: os colonos. É sobre os destroços, a pilhagem de corpos, o desmantelamento cognitivo e perpetuação do trauma que haverá de emergir respostas, ou melhor, outras formas de ser, talvez aquelas que se inscrevam como rolê, esquiva, pulo-deslocamento, cabeçada e rasteira.

O colonialismo é uma empresa de terror, uma aparelhagem de morte que a mais de cinco séculos investe no espólio, no desencante e na produção de humilhação. Para os viventes em contínua batalha com essa esfera de terror, uma das rotas é a fuga para o mato, porém não como encarceramento em uma condição desviada, nem tão quanto como aprisionamento a uma

subcategoria de civilidade. O mato aqui é roda em que se arma o fuzuê, sem que se riscam os feitiços provenientes do corpo, a mandinga do jogo de vida e morte, as casas de caboclo erguidas no mato rasteiro, à capoeira.

Sartre, na apresentação da obra *Condenados da Terra* (Fanon, 1968), nos concede a seguinte frase: a arma do combatente é a sua humanidade (p.14). Porém, quais seriam as armas quando a humanidade é destroçada e submetida a um jogo viciado em que a lógica perpetrada é a obsessão maniqueísta? A colonização mata de inúmeras formas, o corpo como alvo primeiro é também investido de assassinatos dos saberes e gramáticas maternas. Assim, ao colonizado resta a penumbra, o vagar em um breu em que foram subtraídos seu sustento ontológico, epistêmico, semiótico e espiritual. No curso, a imposição de um aparato de mentira, simulacro de vida e sociedade em que a humanidade só é possível em detrimento da desumanização.

O que orienta e substancia o combate ao colonialismo é a busca por dignidade de vida, justiça social e cognitiva. Assim, a descolonização não é um mero desejo de retorno ou produção de imaginário idílico que amenize o transtorno da experiência vivida como processo de alteração. A descolonização, aqui lida como *cruzo* (Rufino, 2019) entre sentidos *fanonianos e capoeirísticos*, é a reelaboração das existências como resposta responsável, imperativo ético e político diante da tragédia e do trauma. É nesse contexto duplo, entre política de morte e produção incessante de vida, que sinalizamos a emergência de um modo de integridade, espiritualidade e presença nomeado *ser em ginga* (Rufino, Peçanha e Oliveira, 2018).

Nesse sentido, por mais que o colonialismo tenha nos submetido ao desmantelo cognitivo, a desordem das memórias, a quebra das pertencas e ao trauma, hoje somos herdeiros daqueles que se reconstruíram a partir de seus cacos. Lendo a capoeira como sabedoria de fresta que é, definida nas palavras de Seu Patinha, *como mandinga de escravo em ânsia por liberdade*, a mesma se inscreve nas tramas do Novo Mundo como experiência, sagacidade, saber, ética e educação que reposiciona aqueles subordinados à condenação do desterro e do encarceramento racial. Nessa vibração, a capoeira mais que patrimônio da humanidade se manifesta como a própria força motriz e inventiva que ergue humanidades cosmopolitas não alinhadas aos parâmetros contratuais do Ocidente-europeu.

Capoeira é uma invenção que atravessa o tempo, misto de menina e anciã, ela carrega a vitalidade dos corpos brincantes, tomados de coragem e a sabedoria íntima do tempo que sabe a importância de atrasar o passo. Ela enfrentou em sua trajetória históricas dificuldades, perseguições e interditos diversos que vão desde os estigmas produzidos até a criminalização por vadiagem. É interessante pensarmos que vadiar é também um jeito do

corpo sobreviver alimentando-se de um fazer libertário, criativo, coletivo e transgressivo.

A capoeira transita da condição de luta de libertação, vadiando, ritualizando o mundo, transformando-se em um corpo vibrante que faz disputas éticas, estéticas, epistemológicas, políticas e educativas. Atualmente, sua luta é também para não permitir a redução desses fazeres/saberes, para que as diferenças possam ser vivenciadas de modo livre, em sentido contrário ao modelo que se quer dominante.

A capoeira é a própria matriz/motricidade produtora de formas de ser/saber que confrontam e transgridem os padrões coloniais. A ginga é o princípio tático desses seres que negaceiam e se deslocam no *entre* e, em condição dupla, se inscrevendo como antidisciplina e efeito “destronador” da arrogância e indolência moderna-ocidental. Se a capoeira nos riscados da diáspora africana se lança como esfera produtora de presença, política, poética e humanidade, a mesma deve ser credibilizada como campo de produção de vida, arte e conhecimento. É nesse sentido que a diáspora negra se manifesta como empreendimento inventivo e me fornece caminhos para vir a defender a capoeira como filosofia e os seus praticantes como filósofos.

Nesse balanço, retomamos a indagação de Mestre Canjiquinha que define os capoeiras como seres pensantes em corpos rebeldes. A capoeira se inscreve como princípio tático e política da presença que alinhava de forma ética/estética os molejos e sagacidade do pensamento afro-diaspórico e de uma filosofia própria parida nas emergências, dramas, invenções e explosões musculares no Novo Mundo.

## CAPOEIRA COMO FILOSOFIA DA ANCESTRALIDADE

Imaginemos um ciclo filosófico. Quais imagens e sentimentos serão invocados por nossos pensamentos? O que habita o imaginário e chega até nós quando engatilhamos a palavra filosofia? Esse exercício nos revelará a predominância de sentidos radicados em um paradigma branco e europeu que ao longo do tempo calça as produções na área das humanidades. Agora, cruzemos outra rota a essa perspectiva. Lancemos como orientação uma experiência marginal, parida e tecida nas frestas do Novo Mundo. Uma sabedoria inventada entre a escassez e a possibilidade, modos de sentir, fazer e pensar rebeldes, transgressivos e resilientes que nascem e operam nos vazios deixados pela obsessão cartesiana da razão moderna-ocidental. Esse

outro caminho é a capoeira.

Como autores dessa *filosofia outra seres* que não edificaram a cabeça em detrimento do restante do corpo, comunicadores em múltiplas linguagens e escritas. Nessa roda, baixam pensadores como Mestre Pastinha, Mestre Canjiquinha, Mestre Noronha, Mestre João Grande, Besouro Mangangá e muitos outros aqui entendidos como filósofos da ancestralidade. O aforismo grego, *conhece a ti mesmo* inscrito no templo de Apolo em Delfos é aqui atravessado pela máxima pastiniana, *o princípio não tem método e o fim é inconcebível ao mais sábio*, cuspidada em alguma encruzilhada do Brasil. Afinal, o modo gingado que ergue novos seres versa que a sapiência não se dá na capacidade de dar resposta, mas sim no talento de negacear.

Dessa forma, seguimos. No jogo não cabe a anulação do *outro*, o vadiar parte do pressuposto da relação, busca o vazio, escarafuncha o dentro e o fora para achar a brecha deixada pelo outro corpo e então saltar para em tom moleque destroná-lo. Rasteira, cabeçada, gargalhada, passa pé são ar-timanhas da sapiência da ginga e fundamentam uma ética. Assim, invocar a capoeira enquanto filosofia é um “passa pé” dado nas tradições de saber/poder do ocidente-europeu que reivindicam a primazia da racionalidade. Assim, o que se lança aqui não é o requerimento do status desse modelo que regula e autoriza o que é conhecimento, mas sim mostrar que essa razão não é o único caminho possível. Ou seja, a capoeira enquanto filosofia é um destronamento que tem como intenção escancarar as calças curtas do sistema mudo europeu-ocidental no que tange a sua dominação e abuso de poder em relação à diversidade de conhecimentos.

Para o filósofo Eduardo Oliveira (2012), a Filosofia da Ancestralidade tem no mito, no rito e no corpo seus componentes singulares. Tem como desafio a construção de mundos e, como horizonte, a crítica da filosofia dogmáticamente universalizante e como ponto de partida a filosofia do contexto. Intenta produzir encantamento, mais que conceitos, mudando a perspectiva do filosofar, ambicionando conviver com os paradoxos, mais que resolvê-los.

Seu Pastinha, filósofo negro-africano em diáspora, atou o fenômeno da capoeira na máxima: *capoeira é tudo que a boca come e tudo que o corpo dá*. Nos caminhos abertos pelo seu pensar, a capoeira é invocada como disponibilidade conceitual/encante que nos fornece elementos para a invenção da vida em fartura e diversidade. Não coincidentemente, a máxima *pastiniana* recorre aos princípios éticos e estéticos assentes na potência de *Elegbara* (princípio cosmológico transladado para as Américas) para propor outros caminhos em torno das implicações dos seres e de suas sabedorias.

Cabe ressaltar que *Elegbara* é o dono do corpo e de suas potências. Lembremos também que a capoeira baixa em nossos corpos como uma sapiência de fresta, de modo que a mandinga do jogo inventa e inventaria uma série inacabada de possibilidades do ser, que se reconstrói diante da tragédia empreendida pelo colonialismo ocidental. A filosofia ancestral da capoeira nos ensina que, no jogo, na ginga, no movimento, no rearranjo das partes fragmentadas e na codificação da memória coletiva, dobramos a lógica de desumanização dos seres.

Dessa maneira, invocar a capoeira como filosofia, a meu ver, transcende pensá-la meramente como um modo de vida ou estabelecer paralelos com os modelos filosóficos instituídos pela tradição ocidental. É necessário ainda invocar a presença dos antigos mestres, incorporar os ensinamentos como prática de problematização do presente, jogar em jogo miúdo, como os nossos próprios pensamentos. Já diria o filósofo Mestre Canjiquinha: *As ideias estão no chão. Eu tropeço, encontro soluções.*

Assim, o que me cabe enquanto aprendiz dessa filosofia ancestral da capoeiragem é lançar-me ao jogo - *iê, vamos embora...* -, não na busca de posicionamentos fixos, já diria Mestre João Grande: *manter os dois pés no chão é pedir pra cair*<sup>1</sup>. O que a capoeira nos pede é o movimento inevitável, a nossa presença enquanto resposta responsável; e nos ensina que o bonito não é necessariamente fazer, mas mostrar que podia ter feito, negar. Para nós, adeptos da potência do miúdo, como é se sagrar vencedor em uma batalha que não permite vencedores? Ah, camaradinhas, há de se saber ler a gramática do fundamento. Reivindicando uma máxima dos nossos terreiros, firmo: *não há cabeça sem corpo*. Somos seres integrais, nossos corpos e movimentos são nossos pensamentos.

As voltas que o mundo dá, os giros na espiral do tempo nos concedem todo santo dia boas oportunidades para pensarmos a nossa presença na vida e no jogo. A problemática lançada feito molejo de corpo não se limita, necessariamente, entre o que é certo e o que é errado, uma vez que a ginga é sincopada. Ao que me refiro é acerca da produção de ações implicadas aos princípios éticos e estéticos dessa filosofia ancestral. Se *a capoeira é tudo que a boca come e tudo que o corpo dá*, princípio assente na potência de *Elegbara*, não nos cabe buscar a última verdade das coisas. A capoeira, assim como *Elegbara*, é o '+1', um princípio inapreensível, múltiplo e inacabado.

Ah, meus camaradas, atemos o verso, controlemos a ansiedade do jogo e façamos valer a máxima: *devagar também é pressa*. A capoeira é invenção de mundo nas barras do tempo, é tudo que é possível. Assim, a nossa presença, na roda grande, está implicada à existência do outro com quem se

joga. Na capoeira, como na vida, não há como se sagrar como único vencedor, o bonito do jogo é mostrar que podia ter feito.

A arrogância de um modo de saber/poder requer a filosofia do ocidente-europeu como modelo universal. Porém, a atividade do pensamento não é algo que se reduz a uma única tradição, tanto o pensar, quanto a capoeira, como nos sugere Mestre Pastinha, são fenômenos não possíveis de serem rotulados<sup>2</sup>. Assim, em meio às gingas, esquivas e negaças da brincadeira do jogo de corpo, venho defendendo a capoeira como prática de saber que nos permite, entre inúmeras coisas, a reconstrução dos seres e a problematização da realidade e do pensamento.

Há quem pense que a não rotulação da capoeira expressada por Seu Pastinha se limita ao que compreendemos enquanto capoeira angola e regional. Nesse caso, sou daqueles que cismam com as simplificações e aposto que, *nesse buraco, tem cobra dentro*. Assim, entendendo que o enigma do velho mestre remete a capoeira ao que, em outras palavras, o filósofo Magobe Ramose (2011), chamou de pluriversalismo. Ou seja, a capoeira é uma sabedoria múltipla, dotada de diferentes formas de inteligência, linguagens, e que se expressa como um princípio inacabado e inapreensível.

Enquanto educação, prática de saber e experiência, considero e defendo a capoeira como uma potência inconformista, produtora de subjetividades rebeldes. É óbvio que não reivindico o meu pensamento como algo totalizador, o que faço é me lançar no jogo. Há quem a considere em outras perspectivas e invista esforços para que a mesma se domestique em determinados padrões. Porém, credibilizando-a enquanto uma filosofia, parto da defesa de que a mesma fundamenta uma ética e nos cobra uma responsabilidade em relação aos nossos atos.

A sabedoria do mestre nos diz: *capoeira é mandinga de escravo em ânsia por liberdade*. Ora, camaradinhas, *a mandinga de escravo* é reconstrutora de corpos encarcerados pelo substantivo racial e desviados existencialmente pela escravidão. Corram as voltas que o mundo dá e invoquem os ancestrais que resguardaram esse saber que verão que a capoeira é um ato de responsabilidade com a vida, radicalmente antirracista e descolonizador.

Mantendo esse princípio, a vadiação de corpo segue suas voltas ao mundo integrando tudo e todos na lógica do jogo. A capoeira versa sobre Deus e o Diabo, abraça as alegrias dos meninos e dos velhos, mata com a flor e acaricia com a faca. A capoeira, enquanto potência criativa, encarna os seres mais diversos e atravessa as mais diferentes visões de mundo. A roda, enquanto um microcosmo pluriversal, é o rito que celebra essa potência



múltipla.

A capoeira me ensina a cismar. Sou daqueles que creem que a capoeira vibra suas potências radicais no combate ao racismo/colonialismo, principalmente os que operam na dimensão epistemológica, na ordem da produção de conhecimentos e mentalidades, e isso se dá pelo simples fato desses elementos se manterem perpetuados em nossas realidades. A capoeira é parida na diáspora africana como prática de saber emancipatória, qualquer ato que a destitua desse caráter provoca nela uma espécie de desmantelo cognitivo e um inevitável desarranjo das memórias daqueles que a encarnaram.

A capoeira, sendo tudo que a boca come, serve para todos. Nesse sentido, respeita a liberdade individual daqueles que a cruzam. Porém, o caráter pluriversal da capoeira como uma sabedoria gingada não pode se fixar em um único movimento ou lugar. A capoeira é uma potência que nos arrebatada, manifestando-se de múltiplas formas, todas lançadas ao jogo, aquilo que nunca se faz só e que não permite consentimento. A lógica do jogo celebra a diferença, a imprevisibilidade e o inacabamento. O jogo é o conflito que gera potência, pois redimensiona a diversidade do mundo em forma de rito.

O toque e o verso que nos despertam para o jogo nos convidam a vadear na gramática de *Enugbarijó*, a face de Exu que é a *Boca que tudo Come*. A capoeira chama a Deus para sagrar o campo de batalha, faz valia de tudo que é sagrado e também do que não é. Como canta o corrido: *é defesa, é ataque, é ginga de corpo, é malandragem*. Enquanto a capoeira joga em cima, embaixo, para um lado, para o outro, balança e não caí, os discursos que tendem a monoracionalizar a atividade do pensamento são contrários ao movimento. Guiados por uma cabeça que caminha em sentido contrário do seu corpo, o monoracionalismo tropeça em si mesmo diante da diversidade do mundo.

Mas a capoeira faz valia de tudo que há nesse mundo, atravessa qual for o terreno, entra para o mato e lá arma sua casa de caboclo... bote certo! Quando tentam capturá-la, baixa o encanto feito Mangangá, que avoou para Aruanda. A capoeira não se rotula, nem tão quanto a atividade do pensar. Em um mundo assombrado pela totalidade, ambas operam como arrebate da mentalidades colonizadas. Nesse sentido, a capoeira como filosofia da ancestralidade é reza para fechar o corpo contra as obsessões universalizantes desses seres e saberes que se querem únicos.

## NOTAS

1. Ver Rufino (2019).
2. Capoeira só é capoeira quando não se rotula, aforismo Pastiniano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANJIQUINHA. Alegria da Capoeira. Salvador: Editora A Rasteira, 1989.

FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1968.

PASTINHA, Vicente Ferreira. Improviso de Pastinha. Salvador: Acervo Fred Abreu Capoeira, 2013.

RAMOSE, Magobe. Sobre a legitimidade e o estudo da Filosofia Africana. Ensaios Filosóficos, Rio de Janeiro, v. 4, p. 6-23, 2011.

RUFINO, Luiz; PEÇANHA, Cinézio; OLIVEIRA, Eduardo. Pensamento diaspórico e o “ser” em ginga: deslocamentos para uma filosofia da capoeira. Capoeira – Revista de Humanidades e Letras, v. 4, n. 2, 2018, p. 76.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUFINO, Luiz. Ponta-cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.